

NA BEIRA DA BEIRA: CONDIÇÕES DE VIDA DAS CRIANÇAS QUE VIVEM ÀS MARGENS DA BR-101 EM TEIXEIRA DE FREITAS-BA/BRASIL.¹

Ananda da Luz Ferreira (DMMDC)

Herbert Toledo Martins (UFSB)

RESUMO: Nesse trabalho apresentamos uma investigação sobre crianças que vivem nas margens da BR-101, no trecho que corta a cidade de Teixeira de Freitas, no Extremo Sul da Bahia - Brasil. As crianças vivem na beira da estrada com suas famílias que ocupam as faixas laterais de terra de domínio da União. As condições que as crianças e suas famílias vivem são desfavoráveis no que diz respeito aos seus direitos, pois vivem sem água potável, energia elétrica e banheiro dentro de casa. Trata-se, portanto, de uma população em situação de risco e extrema vulnerabilidade social. A partir de um olhar interdisciplinar com aportes teóricos da Antropologia e Sociologia da Educação pretende-se investigar como as crianças se percebem e criam saberes sobre seus modos de vida, a partir das suas próprias narrativas e da compreensão do contexto socioeconômico que estão inseridas. A estratégia metodológica recai sobre o método qualitativo com a realização de encontros em formato de oficinas para que as crianças tenham a possibilidade de narrar, de diferentes formas, suas percepções e visões sobre o que é morar na beira da BR-101. Com os resultados alcançados buscaremos evidenciar, a partir das narrativas das crianças, a ausência de Políticas Públicas que assista e proteja essa população.

Palavras-Chaves: Crianças; BR-101; Teixeira de Freitas-BA.

INTRODUÇÃO

A BR-101 é a segunda maior rodovia do Brasil ligando a região Sul à região Nordeste do país, mais precisamente, iniciando na cidade de Touros no Rio Grande do Norte, percorrendo diversos estados até chegar na cidade de Rio Grande no Rio Grande do Sul. A rodovia possui extensão de 4.482 Km com características estruturais e socioculturais diversas. Quase no meio do caminho, aproximadamente 41% do percurso, saindo da cidade de Touros, o município de Teixeira de Freitas localizado no Extremo Sul da Bahia é cortado pela BR-101. Uma das características desse trecho da rodovia é ser pavimentada e não duplicada, ou seja, que não possui duas ou mais faixas para cada sentido (FIESC, 2020; BRASIL, 1997).

À beira estreita da BR-101, na faixa de terra que fica entre a estrada e as fazendas, no trecho de 25,7 km no sentido norte, ainda dentro do município de Teixeira de Freitas-

¹ 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

BA residem *Beiradeiros*², uma população composta por 68 famílias segundo dados coletados pelo GPECS³, durante os anos de 2018 e 2019 na pesquisa intitulada *Beiradeiros: conflitos, vulnerabilidade e exclusão social no extremo Sul da Bahia*.⁴ O GPECS aplicou questionários com os/as moradores desse território com o intuito de traçar um perfil socioeconômico dessa população como um todo.

As terras que as famílias ocupam pertencem ao Estado, são geridas pelo Departamento Nacional de Infraestrutura e Transporte – DNIT, e recebem o nome de faixa de domínio, na qual só pode ser construída com a autorização deste órgão. Durante a pesquisa, todas as pessoas entrevistadas demonstraram ter consciência de as terras pertencerem ao Estado e, principalmente, que, com uma possível e futura duplicação da rodovia, podem ser retirados das terras em que vivem. Uma peculiaridade que atravessa todos/as os/as moradores/as dessa beira é que não se organizam em movimentos sociais e não reivindicam a posse de terra, mas acampam no espaço e até mesmo constroem suas casas, desenvolvem plantações e comercializam suas terras, alegando que não vendem a terra, mas a posse e as melhorias realizadas nelas.

Nessas condições, diante dos dados da pesquisa, acessamos aspectos estruturais das condições de vida dessa população, pois, tanto com dados do questionário como com os dados iconográficos, desnudou-se que essa população vive em casas de sobras de madeiras, lonas, folhas de zinco e, algumas, de alvenaria. Poucas residências possuem banheiros do lado de dentro, sendo que encontram diversas formas de realizar suas necessidades fisiológicas e de higiene; pouquíssimos fazem uso da água do rio que atravessa as propriedades que moram, a maioria anda uma distância considerável para pegar água no rio e fazem armazenamentos em toneis de plásticos e baldes. Há uma quantidade pequena de pessoas que vivem próximo a um posto de gasolina e a administração permite o uso do banheiro e coletar água, uma residência faz o mesmo em um estacionamento que é parada de caminhoneiros. Duas residências disseram ter poços

² De acordo com COSTA & MARTINS (2020), atribuímos, então, o nome de *beiradeiros* a esses indivíduos e famílias que detêm a posse de faixas de terra de domínio da União, nas beiras das rodovias do país. As pessoas entrevistadas se auto denominam como moradores “da beira da pista”, “da BR-101”, “da beira da BR-101”, “da pista”. Não se trata, portanto, de uma categoria nativa, mas que busca resumir as diversas designações encontradas no contexto da pesquisa, ao tempo que faz analogia às pessoas que já são assim chamadas por ocuparem as margens dos leitos dos rios, sobrevivendo do que plantam e colhem nas margens fertilizadas pelas vazantes pluviais.

³ Grupo de Pesquisa em Conflitos e Segurança Social (GPECS/CNPQ) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), coordenado pelo Professor Herbert Toledo Martins.

⁴ Com base nesta pesquisa foram publicados os seguintes artigos: Martins e Castro (2018), Ferreira e Martins (2019), Costa (2020).

artesianos e uma que coleta água da chuva. Sobre os banheiros dentro da casa, apenas 25 disseram ter, sendo que 45 residências não possuem nem vaso sanitário.



Residências dos Beiradeiros. Fonte: FERREIRA, 2019.



Residências e descarte de lixo dos Beiradeiros. Fonte: FERREIRA, 2019.



Banheiro e armazenamento de água dos Beiradeiros. Fonte: FERREIRA, 2019.

Diante desses dados é evidente que não há água encanada, tratamento de água e esgoto, denunciando a ausência de saneamento básico, o que fica explícito quando os dados sobre o recolhimento do lixo mostram que 56 residências queimam seus lixos e as outras 12 descartam ao redor ou enterram. Tudo isso tem impacto direto no meio ambiente e na saúde da população, pois, ainda sobre os dejetos sanitários, somente 5 casas possuem

fossa séptica e 80,4% fossas rudimentares, o resto descartam diretamente no território que plantam e tiram parte do seus alimentos ou nos rios que utilizam a água para outros fins.

Outro aspecto importante de ser ressaltado sobre os *Beiradeiros* é o acesso a energia elétrica, sendo que 23 casas não possuem nenhuma forma de energia elétrica e 43 casas têm energia elétrica. Dessas que detém acesso à energia, 23 recebem diretamente de uma fazenda próxima, porém os moradores se juntaram e pagaram toda a instalação: mão de obra, postes, fiação; além de pagar todo mês ao fazendeiro que faz concessão de energia para esse grupo de *Beiradeiros*; vale ressaltar que todos os moradores apontaram pagar um valor oneroso pela energia. Outras 12 residências têm placas voltaicas, mas essa não sustenta eletrodomésticos e as casas não possuem, por exemplo, geladeiras que são essenciais para armazenamento de alimentos; 1 morador possui gerador de energia, movida a combustível que utiliza na bomba do poço e 7 famílias usam energia do vizinho.

Nesta perspectiva, é inegável que a população que vive na beira da BR-101 tem acesso restrito aos seus direitos básicos e, diante disso, o presente trabalho pretende problematizar a situação das crianças que vivem nesse contexto com suas famílias e a importância de escutá-las para compreensão do que é viver na beira da BR-101. Assim, esse texto se divide em quatro partes: a *Introdução*, na qual trouxemos aspectos gerais das condições de vida dos Beiradeiros; a seção *Sobre as crianças Beiradeiras*, onde apresentaremos os dados sobre as crianças que vivem na beira da BR-101; na terceira seção, *Conhecer a beira: outras escutas*, debateremos a importância da escuta na pesquisa com crianças; e, por fim, nas *Considerações finais* com apontamentos para ações futuras.

SOBRE AS CRIANÇAS BEIRADEIRAS

Nesse contexto, fazendo parte dessa população, há crianças que vivem em 20 residências. Segundo informações recolhidas pela pesquisa são 53 crianças que possuem entre 0 e 12 anos, indicando um número significativo ao compararmos com o total de moradores da beira, 277 pessoas; ou seja 19,14% da população são crianças. Esse quantitativo destaca a importância de atentarmos para essa categoria, tanto pelo número significativo quanto pelo contexto em que vivem, incompatível aos direitos humanos e ferindo o direito das crianças e adolescentes.

Por serem crianças, além dos dados supracitados que atravessam diretamente seus modos de vidas, outras informações foram recolhidas. Uma delas é se frequentam a escola

e qual etapa do ensino estão, bem como se recebem o bolsa família⁵ e a faixa etária das crianças. É importante destacar que todos os questionários foram respondidos por um/a adulto/a que se apresentou como responsável pela residência, não foi entrevistada nenhuma criança, bem como os dados recolhidos na primeira etapa da pesquisa não se confrontaram com a percepções e informações das mesmas. A partir dessa informação, para esse debate, acreditamos importante acessar as respostas sobre o questionamento se a criança frequenta a escola: 42,6% apontaram que sim, 5,9% disseram que não, 32,4% não responderam e 19,1% não souberam responder. Porém, quase todas as crianças que frequentam a escola fazem uso do transporte público gratuito para chegar na instituição matriculada (86,2%), configurando um dos poucos acessos às políticas públicas que atende diretamente essa população.

Os dados, apesar de serem gerais, já demonstram que as crianças vivem em situação incompatível aos seus direitos, pois, como aponta o Estatuto da Criança e dos Adolescentes (1990), em seu Artigo 5º, nenhuma criança pode ser negligenciada em seus direitos fundamentais. No artigo 7º ainda aponta o direito à vida e à saúde e que esta deve ocorrer “mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência” (BRASIL, p. 10). Ou seja, são os direitos como ser humano, cidadãos e cidadãs, que devem ser garantidos, mas também os direitos das crianças de ser cuidada pela família e pelo Estado:

Art.3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata a Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990, p. 09)

Além dos direitos garantidos por lei e a importância de uma legislação que acolhe as necessidades das crianças, os estudos das infâncias no Brasil têm apontado a importância da escuta das crianças sobre seus contextos, levando em consideração suas percepções sobre seus modos de vida e sobre suas condições sociais. Como Cohn (2005, p. 33) afirma, a criança constrói formulações sobre os espaços em que vive, “a diferença

⁵ É um programa de transferência direta de renda que busca beneficiar, através de transferência de renda, famílias em situação de vulnerabilidade em todo o país e existe desde 2003. Para que as famílias recebam o benefício é necessário o cumprimento de requisitos como por exemplo o fato das crianças, em idade escolar, estarem matriculadas e frequentando as aulas, além de carteira de vacinação em dia. Disponível em <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e> acesso 13ago2022.

entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa”; portanto, seus saberes são tão relevantes quanto de qualquer pessoa em qualquer fase da vida.

CONHECER A BEIRA: OUTRAS ESCUTAS

A primeira etapa da pesquisa possibilitou indicadores iniciais para analisarmos o perfil socioeconômico da população e identificou as ausências de políticas públicas e o estado de vulnerabilidade que se encontra a população *beiradeira*. Porém, ainda é necessário abarcar outras camadas sobre o contexto, principalmente no que tange ouvir os moradores sobre os dados recolhidos. O GPECS é um grupo interdisciplinar, com pesquisadores/as de diferentes campos de conhecimento que vem se debruçando nos dados recolhidos e construindo outros projetos; como esta que se propõe investigar as crianças e como elas percebem seus modos de vida.

Ao compreender a criança como agentes sociais (CORSARO, 2011, p. 15) é importante inverter a lógica da não escuta e não percepção às crianças e construir pesquisas *com* elas – para além do sobre elas ou que as tematize e sim *com* - visto que “produzem suas próprias e exclusiva culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”. Para que as pesquisas e ações realizadas com as crianças se vistam dessa percepção é importante construir diálogos e escuta ativa e ampliada que só ocorrerá na horizontalidade das relações entre crianças e adultos, sem hierarquização de saberes, sem adultocentrismos, onde não haja centros (SANTIAGO e FARIA, 2018).

Partindo da certeza que é importante ouvir o que as crianças tem a dizer sobre suas experiências de morar na beira da estrada, incorporando suas percepções e conhecimentos sobre o território, é que esta pesquisa começa a se transformar; pois passa a observar atentamente o que as crianças e os dados que abordam questões sobre elas têm a dizer, principalmente os dados iconográficos produzidos pela pesquisa. Cabe ressaltar que as fotografias foram formas de registros realizada desde a primeira até a última residência, juntamente com o questionário e o caderno de campo dos/as membros/as da equipe. E, ao chegarmos nas casas, era notório os vestígios das crianças, mesmo que não tivessem na residência, quando ali habitavam. A presença ia desde um brinquedo jogado pelo chão, a

um cenário montado ou até mesmo as pequenas roupas no varal e tudo isso, também, trasbordava nas fotografias do campo.



Vestígios das crianças. Fonte: FERREIRA, 2019.

Em uma das casas, ao adentramos, no meio de uma plantação de urucum encontramos um sofá e uma cadeira de tamanho pequeno, próprio para criança. Estavam organizados como se fosse uma sala de estar e ao redor alguns potes e copos de plásticos com umas mudas de planta. A certeza de que ali havia criança se deu ao chegar na residência que ficava escondida atrás da pequena plantação. Uma bicicleta sem roda na frente da casa e duas crianças na varanda, esperando curiosamente a chegada dos/as pesquisadores/as. Era um menino de cinco anos e uma menina de dez anos que logo me acompanharam quando fui fotografar, com a devida autorização, o ambiente e, assim, puderam me contar um pouco mais sobre o cenário da entrada. Relataram que estavam brincando de piquenique e de plantar urucum, o que explicava os potes com mudas.



Cenário da brincadeira dos Beiradeiros. Fonte: FERREIRA, 2019.

Em outra casa, há alguns quilômetros dali, em um outro dia, quando chegamos nela pela primeira vez, tinha um grupo de quatro crianças brincando, dois meninos e uma menina. Um dos meninos, o maior estava em cima de uma bicicleta e a distância que se encontravam não permitiu ouvir a brincadeira. Porém, quando perceberam a presença dos/as pesquisadores/as correram para saber do que se tratava as pessoas desconhecidas em suas casas. A aproximação permitiu que perguntasse às crianças o que faziam, e relataram que brincavam de vender urucum. Essa residência não tinha plantação nenhuma, mas tinha uma barraca na beira da estrada que vendia pimenta e urucum. As crianças contaram que a bicicleta era o carro que parava para comprar urucum e a compra era realizada com dinheiro representado por folhas de árvores que ainda seguravam em suas mãos e puderam me mostrar.



Residências e descarte de lixo dos Beiradeiros. Fonte: FERREIRA, 2019.

Essas duas situações, demonstram o quanto as crianças não estão alheias aos seus modos de vida e como elas interpretam e reelaboram por intermédio de suas linguagens as realidades em que vivem. As crianças dão significados aos contextos que estão inseridas construindo saberes, identidades e valores constantemente (DAHLBERG, MOSS E PENCE, 2019), e se abrir para uma escuta ativa desses significados dados pelas crianças aos contextos no qual estão inseridas é essencial para uma percepção real do todo. Ao escutar as crianças, ouvir suas vozes, gestos e até seus silêncios estamos

proporcionando que saiam do anonimato “Escutar a criança é considera-la um sujeito que pensa, que toma decisões, que é competente” (PONZIO e PACHECO, 2019, p. 126).

Ainda em nossa sociedade, também nas pesquisas, quando se trata de criança ou espaços que elas habitam/circulam/convivem pouco se escuta delas, desconsiderando que é essencial para qualquer conhecimento a ser investigado ouvir as crianças sobre como elas percebem o território em que vivem. Para isso, exige-se que o/a pesquisador/a se debruce em metodologias que contribuirão para o reconhecimento do repertório e conhecimentos das crianças, como propõe Friedmann (2020, p. 21), para assim possibilitar “com os resultados e as produções obtidos – construir novos conhecimentos, originados a partir das vozes e expressões das próprias crianças”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cultivo e a venda do urucum é uma das formas de trabalho de muitos moradores/as da beira da BR-101. As plantações, na estreita faixa de terra, são visíveis para qualquer transeunte em época de colheita e/ou nas barracas ao longo da estrada que vendem o urucum, a pimenta e as vezes as frutas da época e o aipim. Portanto, encontrar as crianças brincando de vender e plantar urucum é compreender que na sua linguagem do brincar estão dialogando sobre si e reelaborando suas relações, o lúdico “vai permitir ao indivíduo criar e entreter uma relação aberta e positiva com a cultura” (BROUGÈRE, 2017, p. 19). O brincar é uma das muitas linguagens que as crianças têm, através do brincar as crianças re-criam o cotidiano em narrativas que abarcam palavras e ações, vozes e corpos, “A palavra é da criança. Seus gestos, desenhos, adjetivos e verbos, suas construções e seus desejos por matérias nos indicam os percursos de sua alma” (PIORSKI, 2016, p. 139)

Observar e escutar atenta e sensivelmente as narrativas das crianças *beiradeiras*, sejam elas faladas ou expressadas, seja com a voz ou com o corpo, seja com a brincadeira ou com o silêncio, com o olhar tem muito a nos contar sobre seus modos de vida. Para isso é necessário se abrir às interações e situações que as crianças vivenciam (OLIVEIRA e SILVEIRA, 2015). É escutar a criança com a intencionalidade que o/a pesquisador/a deve ter ao ir para o campo para assim, compreender, como é viver na beira da BR-101. Atentar-se para o que essas crianças têm a dizer, silenciosamente ou não, sobre o que é estar à beira da estrada é uma forma de refletirmos sobre toda essa população que vive na

beira. Por fim, vale ressaltar que a pesquisa seguirá com as investigações sobre as percepções das crianças sobre seus modos de vida de modo que, a partir de suas narrativas, explicitem como vivem, como brincam e o que pensam sobre ser criança que mora na beira do asfalto do Extremo Sul baiano.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. 12reimpr. 1ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

BRASIL, Departamento Nacional de Estradas e Rodagem. **Diretoria de Desenvolvimento Tecnológico**. Divisão de Capacitação Tecnológica. Glossário de termos técnicos rodoviários. Rio de Janeiro, 1997.

BRASIL, **Lei no 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 08ago2022.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 2005.
COSTA, Oneide Andrade da. **Vulnerabilidade social dos Beiradeiros do Extremo Sul da Bahia, Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES). 136p. Orientador: Herbert Toledo Martins. Porto Seguro-BA, 2020.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre-RS: Artmed, 2011.

COSTA, Oneide Andrade da e MARTINS, Herbert Toledo. À beira da vida: vulnerabilidade social dos *beiradeiros* do extremo sul da Bahia, Brasil. In: CARNEIRO, Ana *et al.* **Estado e sociedade sob olhares interdisciplinares: experiências participativas, disputas narrativas, territórios e democracia**. Salvador-BA: EDUFBA, 2020.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectiva pós-modernas**. Porto Alegre: Penso, 2019.

FERREIRA, Ananda da Luz e MARTINS, Herbert Toledo. **Infâncias Beiradeiras: como é ser criança à beira da BR-101?**. 43º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG. 21 a 25 de outubro de 2019. (Anais). ISSN 2177-3092. Caxambu-MG, 2019.

FERREIRA, Ananda da Luz. (Fotógrafa). **Beiradeiros: conflitos, vulnerabilidade e exclusão social no extremo sul da Bahia**. Fotografia Acervo da Pesquisa. 10 fotografias. Teixeira de Freitas – BA, 2018-2019.

FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **BR-101 do futuro:** proposta para garantir a segurança e a eficiência do eixo litorâneo catarinense. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: FIESC, 2020.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças:** escuta antropológicas e poéticas das infâncias. 1ed. São Paulo: Panda Books, 2020.

MARTINS, Herbert Toledo e CASTRO, Dhanyane Alves. O perfil dos agricultores de beira de estrada do Sul da Bahia. Rio de Janeiro: VII Coniter, 2018.

OLIVEIRA, Fabiana de e SILVEIRA, Débora de Barros. Sonia Kramer. In: ABRAMOWICZ, Anete (orgs). Estudos da Infância no Brasil: encontros e memórias. São Carlos: EdUFSCAR, 2015

PONZIO, Eloisa e PACHECO, José. Reggio Emilia e Ponte: a gênese de novas construções sociais de aprendizagem. São Paulo: Edições Mahatma, 2019.

SANTIAGO, Flávio e FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Da descolonização do pensamento adultocêntrico à educação não sexista desde a creche: por uma pedagogia não violenta. In: TELES, Maria Amélia de Almeida; SANTIAGO, Flávio; e FARIA, Ana Lúcia Goulart (Orgs.). **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações femininas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.